

A ERA DO CANSAÇO

Lisiane Ilha Librelotto e Paulo Cesar Machado Ferroli

Como em todo editorial, iniciamos com um contexto. A UFSC, instituição de origem desta revista, segue com aulas remotas. Desde o dia 17 de março de 2020, data em que iniciou a quarentena em relação a pandemia COVID-19 no Estado de Santa Catarina, Brasil, são 622 dias, 89 semanas ou 20 meses de um convívio reduzido com a sociedade que nos rodeia. No ofício, as aulas remotas permanecem e mesmo na tentativa de retomar as atividades presenciais, ir ao laboratório vazio, sem a presença dos estudantes (ainda não permitida pela UFSC) é desanimador.

No mundo, de acordo com Our World in Data de 29/11/21, são 262 milhões de casos confirmados e 5,2 milhões de mortes. Pelo Worldometers (2021), estima-se 7,9 bilhões de pessoas ao redor do mundo, onde então, cerca de 3,3% da população total mundial teria adquirido a doença até o dia de hoje, conforme as estatísticas oficiais, e 0,066% sucumbido pela doença, que demonstra uma taxa de letalidade de cerca de 2% em relação ao total de contaminados. No Brasil, com a sexta maior população do mundo em um total de 213,32 milhões de pessoas, atrás da China, Índia, USA, Indonésia e Paquistão, foram 22,1 milhões de casos (aproximadamente 10,40% do total da população foi infectada) e 614 mil óbitos (0,29% da população), com um taxa de letalidade de cerca de 2,78%. Para muitas das questões que cercam esse cenário, a ciência ainda não tem resposta, frente à propagação da nova variante ômicron, que já chega em 4 continentes.

Embora no Brasil estejamos em uma janela da pandemia, onde respiramos um pouco mais aliviados, o surgimento do que seria uma quarta onda na Europa, mantém a incógnita sobre como será o nosso futuro. Mas a questão que urge é o cansaço. Estamos muito cansados, talvez pelo trabalho remoto que nos mantém horas a fio em frente às telinhas, ou pela pouca presença do outro, a falta do olhar e do contato, que mantemos apenas com os mais próximos. Talvez ainda porque a nossa geração foi a da transição, que não enxerga os erros ortográficos na telinha, aquela que lia tudo no papel e que sente falta do cheiro da folha, vendo-se forçada a 10 horas ou mais de trabalho digital.

Forçada? Lendo as palavras do filósofo Byung-Chul Han (2021), no texto Teletrabalho, Zoom e Depressão, publicado no jornal El País, percebemos que exploramos a nós mesmos mais do que nunca durante a pandemia. O autor destaca o cansaço, mesmo para aqueles que estão aposentados ou reclusos, que se sentem exauridos como se a bateria tivesse acabando e não fosse possível recarregá-la e ainda mais para aqueles que se sentem autopressionados e autocondenados a uma produtividade superior ainda àquela mantida nos tempos áureos de trabalho presencial. Isto porque se perdeu o tempo entre, o tempo do deslocamento, da contemplação do espaço e da paisagem. Ruíram nossas catedrais no que vêm sendo denominada de a Sociedade do Cansaço.

No texto, Byung-Chul Han (2021) traz uma analogia de Kafka do servo e senhor, onde o sujeito livre e senhor de si se autocondena ao trabalho. Na analogia o escravo toma o chicote, símbolo do poder do senhor e se autochicoteia, para demonstrar sua força, tornando-se servo e senhor de si mesmo. Tal fenômeno, que se acelerou e globalizou na pandemia, torna o trabalho remoto muito mais cansativo ainda mais que nos priva de estruturas fixas temporárias que diversificam e colorem nossa mente.

Em paralelo, outro fenômeno curioso nos assombra. Na medida que estamos num tempo acelerado, parece que damos voltas em um eterno presente. O que diferencia nossos dias? Os lugares por onde passamos, as pessoas que encontramos, as memórias afetivas, que em tempos de COVID, temos compartilhado sempre com aquele nosso pequeno círculo. Nossos dias se tornam muito parecidos e parecemos não perceber o tempo como percebíamos. Fica tudo meio nebuloso, borrado, parecido, todas as lives, todas as reuniões, os



encontros com a tela, salvo raras intervenções que nos privilegiam, fazem com que os momentos se pareçam iguais.

E justo quando a luz surge mostrando que o dia seguinte, está logo ali, depois da nuvem, a sombra da nova variante traz o temor. Felizmente, resta-nos a esperança de que nosso futuro volte a ser como era antigamente e que nossos espelhos, transformados em telas de computador, nos mostrem um mundo que não esteja doente (nas palavras adaptadas de Renato Russo).

Nessa edição, reunimos 12 artigos, 3 resumos de TCCs, 2 resumos e dissertação, 1 resumo de tese e uma entrevista.

O artigo 1 é proveniente da UDESC, e aborda a pandemia e a sustentabilidade no contexto da Covid-19. O artigo 2 vem da UNIEURO, e foca principalmente no desempenho mecânico do concreto leve com argila expandida. O artigo 3 vem do Rio de Janeiro (UFRJ) e trata de um assunto fundamental e sempre atual: saneamento.

No quarto artigo, uma contribuição de pesquisadores portugueses da Universidade de Aveiro aos pesquisadores da Unisinos apresenta um estudo de reciclagem de resíduos de cerâmicas no processo de fundição de precisão. E de Minas Gerais (UFMG), uma importante contribuição sobre a evolução tecnológica da taipa de pilão, enquanto material e sistema construtivo é o que o quinto artigo esta edição apresenta. O artigo 6, da UnB, também da área da engenharia civil apresenta como material promissor com um custo baixo e com elevado ganho ambiental, a argamassa aderida.

Sétimo artigo da edição reúne pesquisadores de quatro instituições: UniFG, FACENS, UFBA e Unicamp e é também da área da engenharia civil, tratando de degradação prematura das estruturas de concreto e das maneiras ecológicas possíveis de se efetuar os reparos.

O artigo 8 da edição apresenta o bambu como material básico para habitações emergenciais, e é proveniente da UEL. O nono artigo é também proveniente da Unisinos, e aborda o tratamento dos efluentes originados na fabricação de tintas. O décimo artigo, da UFPI, trata da logística reversa do óleo vegetal, e o décimo primeiro artigo, de pesquisadores da UFRGS, aborda a sustentabilidade do ponto de vista cultura. Fechando a edição, o artigo 12 foi escrito em parceria entre os IFSC e o IFCE e procura verificar o impacto ambiental na nascente do Lajeado Erval Novo.

Desejamos a todos uma ótima leitura, boas festas e um excelente ano novo.